

MARLEI APARECIDA LAZARIN ASSONI

O TEMPO E A CRÔNICA NA ESCRITA DE EURICO FÉLIX

Nova Andradina

2011

MARLEI APARECIDA LAZARIN ASSONI

O TEMPO E A CRÔNICA NA ESCRITA DE EURICO FÉLIX

Monografia apresentada à Universidade Estadual Mato Grosso do Sul, curso de Português/Inglês de Nova Andradina como requisito final para o grau de licenciada em Letras.

Orientadora: Profa. MSc. Eliane Maria de Oliveira Giacon

Nova Andradina

2011

Assoni, Marlei Aparecida Lazarin.

O Tempo e a Crônica na Escrita de Eurico Félix. /Marlei Aparecida Lazarin Assoni. – Nova Andradina – MS: [s.n]. 2011.

36 f.+ Anexos; 30 cm.

Orientador (a): Prof<sup>ª</sup>. MSc. Eliane Maria de Oliveira Giacon

Monografia (Graduação) – Curso de Letras Port./Inglês/Nova Andradina/ UEMS.

MARLEI APARECIDA LAZARIN ASSONI

O TEMPO E A CRÔNICA NA ESCRITA DE EURICO FÉLIX

Esta monografia foi julgada e aprovada para obtenção do grau de licenciado do curso de Letras Port./Inglês/Nova Andradina da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul.

Nova Andradina, novembro de 2011

Profa. MSc. Eliane Maria de Oliveira Giacon (orientadora)

Professora Titular. Curso de Letras Port./Inglês, unidade de Nova Andradina, Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul.

Prof. Dr. Marlon Leal Rodrigues

Professor Titular, Curso de Letras Port./Inglês/Espanhol, unidade de Campo Grande, Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul

Profª. Drª. Cláudia Sabbag Ozawa Galindo

Professora Titular, Curso de Letras Port./Inglês/Espanhol, unidade de Nova Andradina, Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul

Dedico esta monografia, em primeiro lugar a DEUS, onipotente e onipresente e por permitir que chegasse até aqui. Dedico em especial à minha mãe, que na humildade do seu analfabetismo, nunca mediu esforços para que pudesse estudar. Ao meu amor, Vagner, que esteve sempre ao meu lado, apoiando-me e incentivando, não me deixando desistir.

Às minhas filhas que, por muitos momentos, sentiram minha ausência.

## AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus por permitir que alçasse voo e chegasse aqui.

Agradeço a minha família, por sempre estar ao meu lado, ajudando, apoiando.

Agradeço à minha orientadora Profa. MSc. Eliane Maria de Oliveira Giacon por ter me acompanhado na Iniciação Científica e no Trabalho de Conclusão de Curso. A ela agradeço também por não me abandonar em nenhum momento, agradeço todo auxílio, carinho, compreensão e dedicação.

Agradeço a todos os professores da unidade de Nova Andradina e a todos os funcionários da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul (UEMS).

Agradeço aos professores doutores Cláudia Sabbag Ozawa Galindo e Marlon Leal Rodrigues por lerem a minha humilde escrita.

Agradeço a querida amiga “Valdicléia”, que com paciência me incentivou no caminhar.

Agradeço a minha mãe, por me fazer existir, por me amar incondicionalmente e acima de qualquer coisa, sempre acreditou em mim.

Agradeço à Lorena, filha amada, que muito se preocupou e sempre compreendeu a minha ausência e que, na torcida, também me ajudou a caminhar.

ASSONI, Marlei Aparecida Lazarin. **A CRÔNICA E O TEMPO NA ESCRITA DE EURICO FÉLIX**. Monografia de Graduação. Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul. Nova Andradina, 2011.

**RESUMO:** Não se faz o mundo da literatura apenas com grandes obras e grandes escritores, visto que o cânone depende antes de tudo de uma posição política, a qual a Literatura se curva. São os escritores, espalhados pelas regiões e sub-regiões do país, que constroem a Literatura Brasileira, quase isenta da influência da mídia. Em cada linha dos inúmeros cronistas de jornais e de revistas, percebe-se a intenção de desenvolver a capacidade de atuar na sociedade, de abrir caminho de acesso ao conhecimento, gerar bases para a construção da consciência crítica. Dessa forma a pesquisa da Universidade, tende a construir neste presente trabalho uma análise de variações das características literárias das crônicas de Eurico Félix publicada diariamente no jornal *Imagem* de Nova Andradina-MS na seção intitulada “Quinta Coluna”. As mesmas crônicas são postadas no blog do escritor. A intenção é trabalhar com o gênero crônica e pincelar algumas simples leituras dos discursos. Para tanto é utilizado pressupostos da AD. Delimita-se um *corpus* e a partir dele fazemos uma análise. Os conceitos da Análise do Discurso são dispostos como forma de registrar os estudos realizados.

**PALAVRAS-CHAVE-** Crônica; Félix; Análise.

ASSONI, Marlei Aparecida Lazarin. **A CRÔNICA E O TEMPO NA ESCRITA DE EURICO FÉLIX**. Monografia de Graduação. Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul. Nova Andradina, 2011.

**ABSTRACT:** It makes the world literature only with major works and great writers, since Canon depends first and foremost a political position which literature if curve. are the writers, spread across regions and sub regions of the countries, which make the Brazilian Literature, almost devoid of influence of the media. On each line of the numerous business newspapers and magazines, the intention to develop the ability to act in society, to pave the way for access to knowledge, generate foundations for the construction of critical awareness. This way the research University, tends to build this present an analysis of variations of the literary features of the Chronicles of Eurico Félix published daily in the newspaper picture of Nova Andradina-MS in the section titled "Fifth column". The same Chronicles are posted on the blog of the writer. The intention is to work with the genus chronic and brush some simple readings of speeches. For both is used assumptions of AD. Delimits a *corpus* and from it we make an analysis. The concepts of discourse analysis are willing to register studies.

**KEY-WORDS:** Chronica; Félix; Analysis



## Sumário

INTRODUÇÃO.....	10
CAPÍTULO I - A CRÔNICA.....	12
1. Definição de Crônica .....	12
1.2 Histórico e estudo sobre a crônica.....	14
1.3 A Crônica no blog .....	17
CAPÍTULO II – LEITURAS SOBRE ANÁLISE DO DISCURSO.....	19
2.1 Análise do Discurso.....	19
2.2 Histórico da Análise do Discurso.....	22
2.3 Termos Utilizados pela Análise do Discurso.....	23
CAPÍTULO III - ANÁLISE DE ALGUNS DISCURSOS DAS CRÔNICAS.....	28
3.1 <i>Corpus</i> .....	28
3.2 Análise dos enunciados.....	30
3.2.1 Futebol e o futuro.....	31
3.2.2 Discurso Político: Lula e Dilma.....	34
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	37
REFERÊNCIAS .....	39
ANEXO A - FUTEBOL.....	41
ANEXO B- DILMA E LULA.....	42

Assim eu vejo a vida

A vida tem duas faces:

Positiva e negativa

O passado foi duro

mas deixou o seu legado

Saber viver é a grande sabedoria.

Cora Coralina

## INTRODUÇÃO

Ao iniciarmos um trabalho de pesquisa, que envolve a leitura de um escritor como Eurico Félix, cuja obra ainda é um pouco estudada significa um desafio e ao mesmo tempo a oportunidade de uma releitura da literatura regional de Mato Grosso do Sul. Autor de obras como *O urro do tigre* (1985) e *Swing* (s/d), o escritor manteve durante um bom tempo uma coluna no jornal **Imagem**. Escritor por vocação e jornalista por intenção, Eurico dedicou-se como a maioria dos escritores de sua geração e da tradição literária brasileira ao cultivo da crônica. Suas crônicas não diferem das demais dos outros escritores, cujos nomes figura no grande jornais do Brasil como é o caso de João Ubaldo Ribeiro ou como foi Machado de Assis. Não Eurico Félix escreve em pequenos jornais da região do Vale do Ivinhema. Se a crônica revela o homem miúdo e as miudezas do cotidiano, um escritor da periferia da mídia passa a ler os fatos do cotidiano não somente marcados por acontecimentos de sua cidade e região, mas também como as notícias vindas dos grandes centros por meio dos jornais, televisão e internet afetam seu modo de ver o mundo.

Eurico é um leitor de seu tempo. Para tanto os seus textos (crônicas) são produzidas não pelo autor, que instaura um narrador, a fim de que o texto literário possa acontecer, mas por um sujeito, cujo discurso ao longo das crônicas produz efeito de sentido (PÊCHEUX, 1997, p.164), que perpassa o texto demonstrando uma intenção pelo não dito do que pelo dito. O cronista desenvolve críticas sociais e políticas em seu discurso dotado de certo grau de humor, que produz o sentido jocoso e o sentido de posicionamento quanto aos fatos, que estão sendo vinculados na mídia. Por ser um cronista independente, que escreve numa parte do jornal chamada *Quinta Coluna*, ele consegue produzir um discurso a partir de sua visão de mundo. Logo a leitura que se pretende do discurso dessas crônicas centra-se no sujeito, escritor, que sem as amarras típicas das grandes empresas de jornalismo, passa a expor a sua forma de encarar o momento presente e os acontecimentos históricos.

Para a realização desse trabalho centrado na crônica jornalística, que passa a ser vista não somente como mais uma produção literária, pois esses textos de Eurico Félix iam um pouco além, visto que eles eram impressões de leitura, foi necessária uma forma um tanto peculiar de ler essas crônicas. Sendo assim optou-se por explicar primeiro o que seria a

crônica, sua evolução e seu processo de construção de uma forma literária jornalística. Contudo e sempre há um contudo, a proposta era ler os discursos e como eles intensificavam o efeito de sentido, que se reflete na produção de uma diversidade de textos( ORLANDI, 1990), os quais ao longo do tempo são carregados de significados que “cada leitor confere de acordo com certa leitura”(MANGUEL, 1997,p. 236).Os significados da leitura proposta, nesse trabalho, necessitavam de *corpus* teórico para que um conjunto de enunciados propostos nas crônicas de Félix possam figurar como discursos a serem lidos pela AD.

Desta feita tomou-se a Análise do Discurso (AD) como um suporte para ler os discursos da crônica. Sabe-se que nem todos os discursos têm condições de serem lidos por esse mecanismo. Sabe-se também, que os discursos produzidos a partir de questionários aplicados a grupos específicos são o modo mais usual de ler os discursos produzidos por um determinado grupo. Para nós, que tomamos alguns pressupostos da AD, entramos nesse terreno com todo o respeito possível aos seus teóricos, visto que esse é um trabalho monográfico. Se assim o fizemos foi por ter observado que as crônicas de Eurico Félix eram uma forma de discurso, que fugia do estilo de Fernando Sabino, de Machado de Assis, de um João Ubaldo, pois elas se aproximam mais de um artigo de opinião. Se Mario de Andrade disse que se dá o nome de conto a tudo que o autor chama como conto, aqui não seria diferente, pois o Eurico Félix chama de crônicas. E foi assim, que o trabalho a seguir segue no primeiro capítulo a teorização da crônica, no segundo nos aproximamos da Análise do Discurso ao trabalharmos a sua origem e alguns termos, que lhe são peculiares. Na terceira parte, um tanto híbrida, nos deteremos a ler os enunciados, os recortes, das crônicas de Eurico Félix sob a luz da AD e das características da crônica.

Sem perda de tempo adentraremos a essa proposta de trabalho.

## 1. A CRÔNICA

### 1.1 Definição de Crônica

É possível aumentar e detalhar a lista de características do gênero crônica e pensando na riqueza literária presente nessas obras, o objetivo dessa pesquisa é ampliar o interesse acadêmico e social na leitura desse tipo de texto, visando assim, valorizar a qualidade diferencial das crônicas para aumentar a probabilidade de serem mais estudadas. Obviamente esse tipo de trabalho não pode ser feito de maneira simplista ou ingênua, sendo que para identificar o ponto de vista do autor presente na crônica é necessário um estudo detalhado das características de linhagem do cronista. Essas considerações podem esclarecer e interessar leitores que até então, não encontraram na crônica o verdadeiro significado.

Nunca é pouco insistir que um bom exame deve superar os níveis de desinteresse e buscar a evolução do conceito. Por trás da aparência de simplicidade, a crônica desenvolve as artimanhas artísticas do cronista, recriando o real e transformando o circunstancial do dia-a-dia em diálogos sobre a complexidade de nossas dores e alegrias, cumprindo o antigo princípio da literatura: ensinar, comover e deleitar.

Os princípios da crônica se diferem com o correr do tempo, assim como o romance evoluiu com a sociedade, a crônica também, pode ao longo de sua trajetória tornar-se uma leitora dos fatos cotidianos, não apenas ao transformá-los em um fato literário como ocorre com escritores renomados. Entre eles estão Carlos Drummond de Andrade, Carlos Heitor Cony, Murilo Rubião, Luis Fernando Veríssimo, mas também aqueles jornalistas “foca” ou os de formação acadêmica, que abstraem fatos históricos dispersos no tempo presente e os envolvem com uma aura de humos e entretenimento.

No estilo “foca”, que são aqueles jornalistas, que desde a década de 70, 80 do século XX vêm trabalhando em jornais das pequenas cidades ora cobrindo reportagem, ora organizando notícias, ora escrevendo crônicas capazes de lerem o momento presente tanto de suas regiões quanto do mundo. Entre eles está à figura do batayporanense de coração chamado Eurico Félix, que além de romancista e contista, dedica um tempo a escrever suas crônicas no jornal *Imagem* na seção “Quinta Coluna”<sup>1</sup>.

que segundo ele, Quinta Coluna tem mesmo a ver com a fama. Quando alguém era "do contra" ou inimigo do Governo de opressão, era uma "quinta coluna", algo como Carlos Prestes. Meus artigos sempre tinham uma cor de rebeldia, contestatória. Eu, de tendência comunista nunca tive nada, ao contrário, fui e serei sempre um arauto da liberdade de expressão. Tanto que os artigos que escrevia para o Jornal Imagem e antes, com Jetro Camargo ou Orlando Moreira, eram sempre condicionados ao seguinte: Escreverei os artigos até que uma vírgula seja censurada. Quando isso acontecer, páro! Foi o que aconteceu. Agora, vôo pelo [www.blogdoeurico.com.br](http://www.blogdoeurico.com.br).<sup>1</sup>

A palavra crônica deriva do Latim *chronica*, que significava, no início da era cristã, o relato de acontecimentos em ordem cronológica (a narração de histórias segundo a ordem em que se sucedem no tempo). Era, portanto, um breve registro de eventos. No século XIX, com o desenvolvimento da imprensa, a crônica passou a fazer parte dos jornais. Ela apareceu pela primeira vez em 1799, no *Journal de Débats*, publicado em Paris. Esses textos comentavam, de forma crítica, acontecimentos que haviam ocorrido durante a semana. Tinham, portanto, um sentido histórico e serviam, assim como outros textos do jornal, para informar o leitor.

Nesse período, as crônicas eram publicadas no rodapé dos jornais, os "folhetins". Essa prática foi trazida para o Brasil na segunda metade do século XIX e era muito parecida com os textos publicados nos jornais franceses. José de Alencar foi um dos escritores brasileiros a produzir esse tipo de texto nesse período.

Com o passar do tempo, a crônica brasileira foi, gradualmente, distanciando-se daquela crônica com sentido documentário originada na França. Ela passou a ter um caráter mais literário, fazendo uso de linguagem mais leve e envolvendo poesia, lirismo e fantasia.

Diversos escritores brasileiros de renome escreveram crônicas: Machado de Assis, João do Rio, Rubem Braga, Rachel de Queiroz, Fernando Sabino, Carlos Drummond de Andrade, Henrique Pongetti, Paulo Mendes Campos, Alcântara Machado, etc. Segundo Marlyse Meyer, foi em 1838 que o modelo francês do folhetim invadiu as páginas dos jornais brasileiros, mais precisamente em outubro deste ano com a publicação de "Capitão Paulo" de Alexandre Dumas pelo Jornal do Comércio. O gênero se propaga aparecendo diariamente nos jornais da Corte a partir da década de 40, sempre vigoroso na de 50, indo pelo século afora e século novo adentro.

---

<sup>1</sup> Dados fornecidos pelo autor.

## 1.2 Histórico e Estudo sobre a Crônica

É preciso mencionar o lugar de destaque ocupado por um gênero literário diretamente vinculado ao jornal: a crônica. É certo que a crônica, em si mesma, não constitui nenhuma novidade: a simples lembrança dos nomes de Machado de Assis e de Bilac já basta para indicar a sua longa história de sucesso entre nós. Muitos autores famosos, romancistas, contistas ou poetas, produziram excelentes crônicas, mas não são conhecidos por isso. Carlos Drummond de Andrade é um belo exemplo. Pela grandeza de sua poesia, o grande cronista do cotidiano do Rio de Janeiro foi abafado. O mesmo pode-se falar de Olavo Bilac, que, no início do século passado, passou a produzir crônicas num jornal carioca, em substituição a outro grande escritor, Machado de Assis. Na primeira década do século XX, esta relação entre o jornalismo e a literatura estava estabelecida, tendo na crônica o seu representante mais forte. O gênero que funde a subjetividade do autor com a objetividade da informação, é a vedete dos jornais, acompanhado de gêneros jornalísticos como a reportagem e a entrevista que começam a se popularizar. Esse tipo de texto leve, feito para ser consumido de maneira efêmera e apressada, se adequa melhor à nova realidade na qual, segundo João do Rio, “perder tempo é como perder a vida”.

Ao longo dos anos 1950 e 1960, a crônica esteve no auge da moda literária e adquiriu um caráter novo. É que, sendo uma forma híbrida por natureza e vivendo da efemeridade do jornal, ela parece responder mais diretamente às alterações nos perfis de público existentes num dado momento. Nesse sentido, o fato notável nos anos 1950 é que neles a crônica se afasta muito significativamente do registro e da linguagem tanto do texto noticioso, quanto da crítica de costumes, ou do artigo de opinião. O movimento não é apenas da crônica. A linguagem jornalística também se vai tornando, nessa época, progressivamente menos literária. Mas o que importa aqui é observar que a crônica, por um conjunto de motivos, vai responder cada vez menos ao leitor que busca o comentário de atualidade próprio da notícia, e cada vez mais ao que requer a elaboração linguística, a construção ficcional ou a emoção lírica preferencialmente associada ao conto ou ao poema. O novo, no que diz respeito à crônica dos anos 50, é, portanto, a alteração da sua posição relativa na hierarquia dos gêneros literários.

De lugar muito marginal, a lugar de reconhecimento canônico. O caso em que se podem observar de modo mais claro tanto os movimentos internos de constituição do gênero,

quanto os movimentos externos de incorporação do gênero ao cânone, é o de Rubem Braga, que foi exclusivamente cronista e escreveu para publicação imediata na grande imprensa todos os textos depois recolhidos em volume e reconhecidos como boa literatura.

A crônica não é um gênero maior, já escreveu Antonio Candido. “*Graças a Deus*”, completa o crítico,

porque sendo assim ela fica perto de nós. (...) Na sua despreensão, humaniza; e esta humanização lhe permite, como compensação sorradeira, recuperar com a outra mão certa profundidade de significado e um certo acabamento de forma, que de repente podem fazer dela uma inesperada embora discreta candidata à perfeição. (1992, p.13)

Fruto do jornal, onde aparece entre notícias efêmeras, a crônica é um gênero literário que se caracteriza por estar perto do dia-a-dia, seja nos temas, ligados à vida cotidiana, seja na linguagem despojada e coloquial do jornalismo. Mais do que isso, surge inesperadamente, como um instante de alívio para o leitor fatigado com a frieza da objetividade jornalística.

Se o jornal é frio, na crônica estabelece-se uma atmosfera de intimidade entre o leitor e o cronista, que refere experiências pessoais ou expende juízos originais acerca dos fatos versados. A crônica não é, portanto, apenas filha do jornal. Trata-se do antídoto que o próprio jornal produz. É interessante verificar que essas características fundamentais da crônica vão desaparecendo com o tempo. Vale lembrar que o jornalismo, ao seu início, era confundido com Literatura. Um texto sobre um assassinato, por exemplo, poderia começar assim: "Chovia muito, e raios luminosos atiravam-se a terra. Num desses clarões, uma faca surge das trevas..."

Considerada por muito tempo como gênero menor da literatura, nunca teve *status* ou maiores reconhecimentos por parte da crítica. No entanto, é importante assinalar que os autores modernos fundem essa divisão, fazendo um trabalho misto. É o caso de Luis Fernando Veríssimo, que ora trabalha uma crônica, com os personagens conversando em um bar, terminando por um artigo, no qual faz críticas ao poder central, por exemplo. Nós temos consciência da extraordinária violência com que o tempo vai levando as coisas e as gentes, daí a necessidade de registrar, de alguma forma, o que se passou e passa no âmbito pessoal e intransferível.



A crônica é, primordialmente, um texto escrito para ser publicado no jornal. Este, como se sabe, é um veículo de informação diário e, portanto, veicula textos efêmeros. Um texto publicado no jornal de ontem dificilmente receberá atenção por parte dos leitores hoje. O mesmo tende a acontecer com a crônica. O fato de ser publicada no jornal já lhe determina vida curta, pois à crônica de hoje seguem-se muitas outras nas próximas edições. Há semelhanças entre a crônica e o texto exclusivamente informativo. Assim como o repórter, o cronista se alimenta dos acontecimentos diários, que constituem a base da crônica. Entretanto, há elementos que distinguem um texto do outro. Após cercar-se desses acontecimentos diários, o cronista dá-lhes um toque próprio, incluindo em seu texto elementos como ficção, fantasia e criticismo, elementos que o texto essencialmente informativo não contém. Com base nisso, pode-se dizer que a crônica situa-se entre o jornalismo e a literatura, e o cronista pode ser considerado o poeta dos acontecimentos do dia-a-dia.

Em sentido tradicional, crônica é o relato de fatos dispostos em ordem cronológica, isto é, na ordem de sua sucessão, de seu desenvolvimento. Nessa acepção, crônica é um gênero literário histórico que se desenvolveu na Europa, durante a época medieval e renascentista.

A crônica é um artigo de jornal que, em vez de relatar ou comentar acontecimentos do dia, oferece reflexões sobre literatura, teatro, política, acidentes, crimes e processos, e sobre os pequenos fatos da vida cotidiana, enfim, sobre todos os assuntos. A crônica sempre se prende à atualidade, mas sem excluir a nostalgia do passado. Pode ser tendenciosamente crítica, mas sem agressividade. Trata-se de um gênero que, embora jornalístico, pertence (ou pode, pelo menos, pertencer) à literatura. Contudo como veremos mais a seguir, muitas vezes o discurso do cronista pode ser lido não somente como um fato literário, mas como uma forma de produção de sentido, apropriando-nos de uma fala de Sírio Possenti (2003,p.251) de que na AD não há questão vencida, no estudo da crônica também não há, pois como ela consiste numa forma discursiva, que se aproxima do discurso oral, na medida em que tenta reproduzir o coloquialismo, é possível vê-la pelo estudo do discurso.

A crônica também é assunto da sociologia da literatura: tem importância notável para a situação material dos escritores, muitos dos quais não poderiam sobreviver sem escrever crônicas, enquanto outros as escrevem por vocação. Por esse motivo, a crônica é gênero

cultivado por tão grande número de escritores que sua história completa equivaleria a um corte transversal através das literaturas ocidentais dos séculos XIX e XX.

Os fatos do cotidiano, os acontecimentos diários é que ensejam reflexões ao cronista. Em torno desses fatos, o cronista emite uma visão subjetiva, pessoal e mesmo crítica, através do uso de linguagem coloquial, às vezes sentimental, ou emotiva ou, às vezes, irônica, crítica.

### **1.3 A crônica do Blog**

Nos últimos anos, depois da criação dos blogs e dos blogueiros, muitos escritores e jornalistas mantêm um espaço para a produção de crônicas e artigos, que não são publicados em jornais de grande circulação, mas são dispostos para os internautas. Artistas, políticos e professores universitários, acadêmicos entre outros utilizam desse expediente. Não são textos encomendados ou escritos para cumprir um espaço do jornal, são sim textos que refletem um momento e uma visão de mundo, que atinge o escritor na produção de um texto.

O texto, portanto, nesse suporte, representa um processo de democratização da escrita, na qual não somente alguns privilegiados conseguem escrever, mas sim boa parte da população tem acesso à escrita e a leitura dessas crônicas. Portanto, podem ser consideradas como uma forma de reprodução de um discurso oral e escrito, que veiculadas na sociedade. São uma representação de posições políticas, sociais e culturais de uma sociedade letrada em meio digital.

Os textos, no caso especificamente as crônicas, poderiam ser comparados, a grosso modo, ao início da crônica de jornais do século XIX, quando no interior dos exemplares dos jornais nasciam de notícias como a perda de um escravo fujão, uma briga de vizinhas ou a chamada para uma briga de galo. Dessas notícias, aos poucos, nasce a crônica de cotidiano.

Pode-se dizer que, no interior dos blogs, está nascendo um modelo de crônica, que pode ser mais enxuta ou mais extensa. Todas têm em comum o fato de estarem “antenas”

com o momento presente, com as histórias do cotidiano e com a releitura das notícias que afetam toda a rede. Todos querem participar do momento histórico, seja ele local ou não.

É nesse estilo de crônica que se inserem as crônicas de Eurico Félix, que estão disponíveis no blog <http://www.blogdoeurico.com.br/> . A forma eleita, nesta monografia, foi analisar enunciados do discurso de Eurico Félix nesses textos, entre os meses de janeiro e fevereiro de 2010. A próxima parte trata-se de uma discussão sobre a Análise do Discurso. Ao final na terceira parte, nos deteremos em analisar os recortes das crônicas de Eurico Félix, no blog.

## **2. LEITURAS SOBRE ANÁLISE DO DISCURSO**

### **2.1 Análise do Discurso**

A intenção deste capítulo é demonstrar com simplicidade algumas leituras sobre a origem e de alguns conceitos que se refere à Análise do Discurso (AD), independente de seu uso ou não, no decorrer da escrita dessa monografia. Alguns conceitos serão utilizados. Como se trata de uma monografia, os estudos nesse campo são preliminares, pois em termos estamos com um objeto, a crônica, um gênero, que em geral é atribuída à literatura, a qual aplicará a leitura de discursos. Dessa forma desloca-se o campo restrito do gênero e aplica-se a ele um estudo do discurso.

Um texto, enquanto unidade do discurso, que extrapola o limite de seu tempo ao tornar-se não mais um meio de conhecimento do enunciado, que segundo Foucault (2002,p. 99) é “uma função que cruza no domínio da estrutura de unidades possíveis fazendo com que apareçam conteúdos concretos no tempo e espaço”, mas uma enunciação capaz de constituir uma formação discursiva, que segundo Pêcheux (1997, p.162) “é o lugar de constituição do sentido”, que utiliza uma língua que “se apresenta [...] como a base comum de processos discursivos diferenciados, que estão compreendidos nela , nos quais (grifo nosso) os aspectos ideológicos simulam processos científicos” (Idem, p.91), que se incorporam ao discurso histórico, no qual e do qual ele está inserido.

Para outros ainda, o texto possui “na construção” de um discurso, o efeito de sentido que abarca um conjunto de enunciados “que derivam de uma mesma formação discursiva” (RODRIGUES, 2004, p 96), sendo pois constituído “nas relações que [...] palavras, expressões ou preposições mantêm com outras palavras e expressões de mesma formação discursiva.” (PÊCHEUX 1997, p.161).A forma discursiva pode aparecer em diferentes tipos de texto. O texto é o suporte de toda a teia discursiva, que o enunciador constrói sob forma de comunicação. Ao longo de cada construção discursiva, estão alocados os fatores ideológicos do sujeito. A posição de onde esse sujeito fala determinará a composição de seu discurso.

O discurso pode ser trabalhado sobre vários aspectos e com várias teorias da comunicação, optou-se aqui trabalhar com a Análise do Discurso. Para tanto e por sabermos

que o conhecimento também é algo construído, optou-se a princípio por traçar um histórico da AD e delimitar alguns conceitos, que são importantes para esse estudo.

A preocupação à priori, pretende-se de forma muito simples, traçar um histórico da AD, mas antes, a pergunta seria: o que a AD e o que ela tem de tão importante para estar sendo utilizada neste referido trabalho que pretende analisar as crônicas do escritor Eurico Félix. Para tanto utilizaremos discursos de alguns teóricos para a realização das referidas análises. Serão discutidos: a AD e sua definição, a AD e sua historicidade e Pêcheux enquanto considerado “pai” da Análise do Discurso na França. Posteriormente verificar-se-á como aplica-se a AD no Brasil.

Além da historicidade e definição, há alguns elementos primordiais para quem estuda a AD, no entanto, alguns termos devem ser vistos sob diferentes prismas. Segundo Orlandi (1999, p. 15) a palavra em movimento [...] e tem em si a idéia de percurso [...], prática de linguagem; com o estudo do discurso observa-se o homem falando” e ao mesmo inserindo-se num contexto maior que o faz passar de não-sujeito a sujeito, num processo no qual a formação discursiva se torna um local de constituição de sentido, que por sua vez representa um complexo ideológico, no qual sujeito, história e linguagem interpretam e re (interpretam), cujo sentido só é percebido pela análise do discurso, que media a língua e o discurso com o objetivo de “descrever o funcionamento do texto.

No caso específico de Eurico Félix, enquanto sujeito, pois as crônicas escritas para o jornal **Imagem** e depois postadas no blog, há sempre um sujeito, um homem falando construindo um sentido ideológico, que se distribui em todos os discursos. Os enunciados desses discursos compõem uma forma de pensar, que são representantes de um grupo social ao qual ele pertence. É possível perceber isso, pois em outras partes do blog, ele cita grupos de amigos e situações interessantes, que envolvem pessoas de Batayporã..

“Há pois, na análise a ser efetuada a seguir, a finalidade de explicitar como um texto produz sentido” (ORLANDI, 2001, p. 23). Assim sendo um texto, no sentido de Foucault, garante produção de sentido como um objeto de análise visto que “o analista de discurso consegue (grifo nosso) mostrar os mecanismos dos processos de significação que presidem a textualização da discursividade” (Idem). Os mecanismos em questão dependem da “escolha”

do texto, que no caso dessa monografia são crônicas, publicadas em jornal e em um blog, cujo contexto histórico em que elas foram produzidas e a ideologia perpassam os discursos.

Procuraremos nos ater ao que seria o campo do conhecimento da Análise do Discurso, que chamaremos de AD que, segundo Foucault (2002,p. 137) “mostra como os diferentes textos remetem-se uns aos outros, [...] entram em convergência com instituições e práticas, e carregam significações que podem ser comuns a toda uma época”, na qual o texto está inserido. Logo o objetivo da AD é descrever o funcionamento do texto. Em outras palavras, sua finalidade é explicar como um texto produz sentido. (ORLANDI, 2001, p. 23).

Alguns estudiosos definem a AD como “linguística textual”, outros contestam tal definição. Para Orlandi (1996):

É uma disciplina de entremeio que se estrutura no espaço que há entre a lingüística e as ciências das formações sociais. Trabalha com as relações de contradição que se estabelecem entre essas disciplinas, caracterizando-se, não pelo aproveitamento de seus conceitos, mas por repensá-los, questionando, na lingüística, a negação da historicidade inscrita na linguagem e, nas ciências das formações sociais, a noção de transparência da linguagem sobre a qual se assentam as teorias produzidas nestas áreas. A AD nos permite trabalhar em busca dos processos de produção do sentido e de suas determinações histórico-sociais. Isso implica o reconhecimento de que há uma historicidade inscrita na linguagem que não nos permite pensar na existência de um sentido literal, já posto, e nem mesmo que o sentido possa ser qualquer um, já que toda interpretação é regida por condições de produção. Essa disciplina propõe um deslocamento das noções de linguagem e sujeito que se dá a partir de um trabalho com a ideologia. Assim, passa-se a entender a linguagem enquanto produção social, considerando-se a exterioridade como constitutiva. O sujeito, por sua vez, deixa de ser centro e origem do seu discurso para ser entendido como uma construção polifônica, lugar de significação historicamente constituído.

Diante de tais afirmações, percebemos que Orlandi defende a ideia de que a relação com o meio, faz com que o sujeito crie certa homogeneidade com suas ideologias. Assim sendo ele busca a partir da história e o meio social defender os vários sentidos que podemos obter diante de um único fato. Fato este que corrobora com as ideologias presentes na interação social. Sendo assim, quando a autora trata da polifonia enquanto construção do sujeito, percebemos que sua ideia exprime o sentido que o sujeito busca ao buscar os meios que relacionam o homem e sociedade.

## 2.2 Histórico da Análise do Discurso

A AD surge nos anos 60 na França, quando Michel Pêcheux, em 1969 publica sua tese “Análise automática do discurso”. Nessa época ele tinha um centro de pesquisa em psicologia social. Contemporâneo dele Michel Foucault discute questões relativas ao discurso em *Arqueologia do saber*. Maingueneau propõe em 1995 um artigo que discute a Análise do Discurso na França. Mesmo em terras francesas há diferentes posições sobre os estudos da AD. Não seria diferente em outros países, cuja influência depende da posição adotada pelo analista. Maingueneau estuda e trabalha com AD, a partir de uma visão voltada para ler o discursos da escola literária tratando da literatura como explicação de textos, enquanto disciplina escolar, pois, a análise do discurso exige uma explicação verdadeira, a literatura era apresentada aos alunos e os mesmos deveriam analisar diversos textos, no qual trabalhavam a AD.

Nos anos 60 do século 20, torna-se um estudo, que engloba assuntos de linguistas, historiadores, filósofos e psicólogos, que se constituiu no intervalo entre “a lingüística e as outras ciências, [...] na região das questões que dizem respeito à relação da linguagem (objeto lingüístico) com a sua exterioridade (objeto histórico) (ORLANDI, 1999, p. 27). A AD não se restringe apenas aos lingüística, ela faz uma ponte entre as outras ciências e o uso da linguagem.

Não é sem tempo lembrarmos, que no Brasil, há vários grupos que estudam a AD u utilizam dela para analisar os discursos. A Análise do Discurso no Brasil é introduzida, a partir de pressupostos homogêneos interligando o campo “político” e o “teórico” “com os americanos e com os europeus, já que há forte dominância da lingüística americana (ou anglo saxã). No Brasil – a divisão tem a ver com o modo de relacionar a análise de discurso com a lingüística, com a pragmática”. Para Orlandi, o surgimento da AD no Brasil foi uma “disciplina de solo fértil”, embora alguns, em contrapartida, fizessem objeções, pois, seria tanto para a teoria como para o saber lingüístico, sendo incompreendida e; confundindo análise do discurso com a lingüística.

## 2.3 Termos utilizados pela Análise do Discurso

### Acontecimento

Do ponto de vista da Análise do Discurso, existem dois tópicos sobre acontecimentos: o acontecimento discursivo e o acontecimento linguístico. Iremos nos ater ao acontecimento discursivo.

Do acontecimento discursivo ao acontecimento linguístico: trata-se da questão do caráter de acontecimento no modo da dação linguística: *o que e dado não pode ser separado do que é dito, o que é dito nos é dado pelo único fato de ser dito* (Petit, 1991). Afirmar a potência absoluta desse caráter de acontecimento é distinguir, de imediato, o fato tomado em um mundo pré-definido e o acontecimento irreduzível ao contexto, apreensível, então, em sua própria efetuação discursiva (Romano, 1998, 1999), marcando, de maneira também diferente nesse caso, sua inscrição referencial no universo da língua empírica. (CHARAUDEAU; MAINGUENEAU, 2008, p.31.)

### Alteridade

Para explicar um pouco sobre alteridade, podemos dizer que trata-se de uma dupla de princípios onde poderemos obter dois “EUS”, por um lado o bom (grande), e de outro o ruim (pequeno).

Na análise do discurso, esse termo é retomado com essa mesma definição aplicada à relação de comunicação. Ele é empregado por Charaudeau (1995b) na expressão *princípio de alteridade* (algumas vezes, *princípio de interação*, 1993a) para designar um dos quatro princípios que fundam o ato da linguagem (como os princípios de influência, de regulação e de relevância). Esse princípio define o ato de comunicante (*eu*) e o sujeito interpretante (*tu*). Eles se encontram em uma relação internacional não-simétrica, já que cada um deles desempenha um papel diferente: um, o da produção do sentido do ato de linguagem, o outro, o da interpretação do sentido desse ato. “Instaura-se, então, entre os dois parceiros, um olhar avaliador de reciprocidade que postula a existência do outro como condição para a construção do ato de comunicação no qual se *co-constrói* o sentido” (1995a).

### Coerência

A coerência trata-se da parte central de um texto, cujo mesmo, deve conter sentido e ordem cronológica dos fatos, sendo portanto a introdução da interpretação do interlocutor, portanto, necessita de um conhecimento prévio de mundo pelo leitor, porém, para a AD, tal explicação favorece apenas aos elementos contidos nos textos e não nos discursos.



A noção de coerência aparece, em linguística, em *Leçons* de Guillaume, que a assume como uma propriedade da língua como sistema, “totalmente sistemática, cujas partes estão em coerência” (1992: 4). Passando da linguística da língua à do discurso, a noção tem um outro sentido. No cerne da definição do texto, a coerência é, em linguística textual, inseparável da noção de coesão, com a qual é frequentemente confundida.

## Coesão

A coesão, não é parte que interessa para a compreensão à Análise do Discurso, por não tornar-se envolvente aos efeitos de sentido, porém, estando ligada gramaticalmente à coerência, é parte constitutiva de um texto estando representada por conexões, sequência, argumentações e marcações temporais, etc.

A coesão e, em gramática de texto, inseparável da noção de **progressão temática**. Todo texto apresenta um equilíbrio entre informações pressupostas e informações retomadas de frase em frase, sobre as quais os novos enunciados se apóiam (*princípio de coesão-repetição* assegurado pelos temas), de um lado, e a contribuição de novas informações (*princípio de progressão* assegurado pelas remas), do outro.

## Contexto

Dentro do contexto existem elementos de forma ampla e abrangente envolvendo toda e qualquer situação comunicativa em que um texto é elaborado, estando aquém daquilo que se está dizendo ou editando. Para a AD, leva-se em conta o fato de que a teoria discursiva abrange o discurso e é constituída por ele.

Para Charaudeau, Maingueneau (2008), o termo “contexto” é utilizado para remeter principalmente ao **ambiente verbal** da unidade (que outros preferem chamar co-texto, em conformidade a um uso que se generaliza) e à **situação de comunicação. Seja linguístico ou não-linguístico**, o contexto pode ser enfocado de maneira escrita (contexto imediato) ou *abrangente* (contexto ampliado), em um eixo evidentemente gradual. No que concerne ao contexto não-linguístico, o contexto *estrito* (ou *micro*) faz sobressair, por exemplo, o quadro espaciotemporal e a situação social local nos quais a troca comunicativa, seus participantes (número, características, *status*, papéis, e a relação que mantêm entre si), o tipo de atividade e as regras que a regem. (p.127).

## Discurso

Tópico do tópico primeiro da AD o discurso se apresenta como um foco a ser analisado. O discurso pode ser oral ou escrito, pois, como diz Orland (1990) “não há discurso sem sujeito e não ha sujeito sem ideologia”, a ideologia presente no discurso é o foco dos

estudos que se procede dentro das ciências da linguagem. Assim sendo, não haveria outra forma de trabalhar com o discurso sem antes tomarmos de Maingueneau e Charaudeau, os conceitos básicos sobre este termo. Para os autores, o discurso é:

Noção que já estava em uso na filosofia clássica, na qual, ao conhecimento *discursivo*, por encadeamento de razões, opunha-se o conhecimento *intuitivo*. Seu valor era, então, bastante próximo ao do *logos* grego. Em linguística, essas noções, proposta por Gullaume, conheceu um impulso fulgurante com o declínio do estruturalismo e o crescimento das correntes pragmáticas. (2008, p. 168).

### **Efeito de sentido**

São diferentes formas de representação de um único enunciado, reproduzindo uma interpretação ilusória do mesmo, porém, possui um efeito do que realmente quer dizer. É importante registrar que Pêcheux (1969) define discurso como efeito de sentido entre interlocutores.

[...] a noção de **efeito de sentido** está ligada à noção de discurso, embora seja definida diferentemente conforme a teoria em que se inscreva. Essa noção é central para várias distinções, entre as quais a de *sentido de língua sentido de contexto e semântica/pragmática*. (CHARAUDEAU; MAINGUENEAU, 2008, p. 179)

### **Enunciação**

É a transformação do enunciado, sendo colocado em seu funcionamento, como supostas atualizações. Tais transformações são colocadas em prática a partir do momento de sua constituição e gradativamente em explicitar o que realmente foi “dito” e descartar o não-dito. Sendo assim,

“Enunciação” é um termo antigo em filosofia, embora tenha sido empregado sistematicamente, em linguística, apenas a partir de Bally (1932). A enunciação constitui o pivô da relação entre a língua e o mundo: por um lado, permite representar fatos no enunciado, mas, por outro, constitui por si mesma um fato, um acontecimento único definido no tempo e no espaço. Faz-se geralmente à definição de Benveniste (1974:80), que toma a enunciação como “a colocação em funcionamento da língua por um ato individual de utilização”, que o autor opõe a enunciado, o ato distinguindo-se de seu produto. Essa definição, submete-se a variações significativas, segundo as teorias linguísticas que a mobilizam.

### **Enunciado**

Parte do discurso que nunca é dita da mesma forma, pois, a parte primordial varia conforme tais escritos e partindo dos mesmos é que identificamos as várias posições que o sujeito ocupa no ato discursivo.

*Em análise do discurso francófona*, a oposição estabelecida por Guespin entre discurso e enunciado exerceu uma influência precisa: “O enunciado é a sucessão de frases emitidas entre dois brancos semânticos, duas pausas da comunicação; o discurso é o enunciado considerado do ponto de vista do mecanismo discursivo que o condiciona. Assim, olhar um texto sob a perspectiva de sua estruturação “em língua” permite tomá-lo como um enunciado; um estudo linguístico das condições de produção desse texto possibilita considerá-lo um discurso” (1971:10) (CHARAUDEAU; MAINGUENEAU, 2008, p. 196)

## **Ideologia**

Principal constituinte do sentido inserido dentro do mesmo, refletindo na exterioridade e parte integrante da prática discursiva, estando à ideologia interligada a sujeito e linguagem, sendo parte integrante do discurso e manifesta-se através do sujeito no qual nos permite a noção dominante na formação discursiva. Assim como o sujeito acredita na total dominância em seu discurso e a ilusão de que o discurso é tal qual ele é, chama-se a isso reações ideológicas.

*Na análise do discurso francesa dos anos 60-70*, a ideologia é um conceito central. O filósofo marxista Althusser desenvolve então uma teoria das ideologias, segundo a qual a ideologia representa uma relação imaginária dos indivíduos com sua existência, que se concretiza materialmente em aparelhos e práticas. Segundo ele, a ideologia está ligada ao inconsciente pelo viés da interpelação dos indivíduos em Sujeitos: “Como todas as evidências, incluídas as que fazem com que uma palavra ‘designa uma coisa’, ou ‘tenha uma significação’ (logo, incluídas as evidências da ‘transparência da linguagem), essa evidência de que você e eu somos sujeitos – e que isso não é um problema- é um efeito ideológico, o efeito ideológico elementar” (Althusser, 1970:30) (CHARAUDEAU, MAINGUENEAU, 2008, p.268).

## **Sujeito**

Resultado da relação com a linguagem e a história, o sujeito do discurso não é totalmente livre, nem totalmente determinado por mecanismos exteriores. O sujeito é constituído a partir relação com o outro, nunca sendo fonte única do sentido, tampouco elemento onde se origina o discurso. Como diz Leandro Ferreira (2000) ele estabelece uma relação ativa no interior de uma dada FD; assim como é determinado ele também a afeta e

determina em sua prática discursiva. Assim, a incompletude é uma propriedade do sujeito e a afirmação de sua identidade resultará da constante necessidade de completude.

O sujeito do discurso é uma noção necessária para precisar o estatuto, o lugar e a posição do sujeito falante (ou do locutor) com relação a sua atividade linguageira. Ela leva a considerar as relações que o sujeito mantém com os dados da situação de comunicação na qual ela se encontra, os procedimentos de discursivização, assim como os saberes, opiniões e crenças que possui e que supõe serem compartilhados pelo seu interlocutor. Sua competência não é mais simplesmente linguística, ela é ao mesmo tempo *comunicacional, discursiva e linguística*. Para Pechêux, o sujeito do discurso não se pertence, ele se constitui “pelo ‘esquecimento’ daquilo que o determina” (1975:228). Trata-se do fenômeno da “interpelação do indivíduo em sujeito de seu discurso [...]”.

## Texto

Para a Análise do Discurso, o texto se trata de um ato linguístico como uma redoma girando em torno de si, porém, com introdução, desenvolvimento e o seu desfecho. Trata-se de algo que não tem fim, é onde se desenvolve todo o discurso, de grande relevância. A grandiosidade da fala é que interrelaciona o sujeito com o texto, tornando a grande arte do dizer. Para a AD, esse jogo é que transforma várias posições-sujeito tornando-se diferentes formações discursivas.

No livro IX da *Institution oratoire*, Quintiliano fala do texto na perspectiva da *composição*, ou seja, da união entre a *invenção* (escolha dos argumentos), a *elocução* (colocação em palavras), e a *disposição* (organização ou plano do texto). Ele emprega duas palavras: *textus* e *textum*. O *textus* (IX,4,13) está próximo da “bela conjuntura” medieval, tradução do latim *junctura* da *ARS poética* de Horácio, ou seja, “aquilo que reúne, junta ou organiza elementos diversos e mesmo dissociados,[..] aquilo que os transforma em um todo organizado” (Vinaver, 1970). Quanto à palavra *textum* (IX,4,17), está mais próxima da “infinita contextura de debates” de Montaigne (*Essais*, Livro II), ou seja, da idéia de composição aberta e menos finalizada. O texto é então definido a partir, tanto por sua unidade quanto pela sua abertura, que posteriormente foi teorizada como **transtextualidade** por Genette (1979, 1982, 1987).

Todos os termos selecionados não têm a intenção de demonstrar que somos conhecedores de toda a teoria da AD, muito pelo contrário, aqui estão somente algumas luzes, que pudemos obter, quando iniciamos os estudos em AD. Sabemos também que são poucos e simples os nossos enunciados e pedimos permissão para adentrar ao estudo do *corpus*.

### 3. ANÁLISE DE ALGUNS DISCURSOS DAS CRÔNICAS.

#### 3.1 *Corpus*

O *corpus* desse trabalho foi retirado de algumas crônicas de Eurico Félix, que estão nos anexos. Não colocamos a delimitação de nome de texto e página como é normal em cada um dos discursos, pois os trechos são fáceis de serem localizados nas crônicas.

- (1) “Esse artigo está sendo escrito no sábado, dia 27. Agora são 09:13 (ouvindo Gregory Isaacs). Essa informação é para que ninguém alegue depois que fui impelido a escrever por conta do resultado do jogo entre Santos e Corinthians, na Vila Belmiro, amanhã, domingo, válido pelo Campeonato Paulista.”
- (2) “Mas o que vai acontecer amanhã, é infelizmente, mais uma prova da incompetência e desorganização do futebol brasileiro [...]”
- (3) “Quanto custou para repatriar Ronaldo, Roberto Carlos? Quanto custou para repatriar Robinho?”
- (4) “A molecada do Santos, que está jogando bonito, líder do campeonato, com Wesley, Ganso, Neymar, André, Robinho.”
- (5) “Nem a CBF interferiu! Que diferença faria para a seleção?”
- (6) “Jogaço de bola! Foi uma benção o jogo entre Santos e Palmeiras [...] Foi bom para o Santos perder quando podia perder, não tomou nenhum prejuízo com relação à tabela de classificação, mas foi bom principalmente para tirar uns centímetros do salto, que estava ficando muito alto.”
- (7) “Comemorar, dançar sim! Tirar um barato na cara dos adversários, negativo! E foi bom principalmente para o Neymar, pelo vai tomar no c..., porra! Após ser expulso. Tem muita boca suja falando palavrão e ninguém fala nada... E ele mereceu a expulsão.”
- (8) “Ninguém atira pedra em árvore que não dá fruto! Mas já pensou se a cada pedrada pra derrubar a manga madura a mangueira cismar de cair na cabeça?”
- (9) “Alguns conceitos devem ser refeitos, reformulados. Por exemplo, dizem que santo de casa não faz milagre. Há controvérsia!”
- (10) “Por exemplo: Do alto dos seus “alguns” anos de experiência no rádio, Edson José nos mostra que às vezes ao dividir se obtém a mágica do aumento do seu

conceito, ao indicar o nome de Almir Portela para narrar pela Rádio Clube de Recife, uma das mais respeitadas do Nordeste, o jogo entre Ivinhemense e o Náutico, de Pernambuco, pela Copa do Brasil.”

- (11) “Muito bem! Agora quero ver se o Superior Tribunal de Justiça, se a Justiça Eleitoral ou seja quem for, vai dar uma de Lula e dizer que não sabe e não viu que o Presidente Lula e a Ministra Salve Rainha Dilminha Ruimsseff fizeram e estão fazendo campanha eleitoral fora do prazo.”
- (12) “Luiz Inácio, esse boçal que se orgulha de ser analfabeto, que assume que não gosta de ler e cinema (dá sono, justifica), tem a desfaçatez de, ao ser questionado sobre as inúmeras viagens, responder: Eu vou continuar viajando até 31 de Dezembro, à meia-noite (que é quando termina o seu mandato).”
- (13) “[...] Pense bem na possibilidade da Salve Rainha Dilma Ruimself presidente. Ela ditadora da gema, odeia enlatados, ou seja, filmes estrangeiros.”
- (14) “O filho do Brasil, analfabeto que se orgulha de sê-lo se tornou presidente eleito mais popular, ou seja, nunca na história desse país...”
- (15) “[...] e que quer eleger a mulher que não ri Presidente!”
- (16) “E a Dilminha vai ser mais casco duro ainda!”
- (17) “Chega de corrupção, propina, escândalos, prejuízo à Nação!”
- (18) “O que a pré-candidata Dilma Rousseff, do PT quer dizer que fará um governo mais de esquerda que Lula?”
- (19) “A danada da barraqueira não dá uma risadinha, um sorriso amarelo, sequer! To fora! De generala basta a mulher que manda em mim, a minha amante favorita! Dilma Rousseff é da ala dos petistas xiitas, vermelhos!”
- (20) “Dilma frequentou escolas conceituadas. Claro que com notas vermelhas e suspensões, mas uma coisa não se pode negar: Dilma Rousseff, consegue superar o padrinho Lula quanto à facilidade de assassinar artigos, consoantes, verbos, adjetivos, isso sem contar as vírgulas e exclamações do nosso heróico português.”
- (21) “Lula é sem dúvida, o político mais popular da história do Brasil, quando se trata de eleição popular. É um homem muito mais inteligente do que muita gente pensa!”

- (22) “O meu lado feminino sonha com uma mulher na Presidência. Dona Ruth Cardoso, Dona Zilda Arns... Essas duas já foram convocadas pelo Homem, lá em cima. Uma senadora Marina Silva, quem sabe!”
- (23) “Domingo. Dia de descansar. De reflexão. Se possível, ir a um almoço beneficente... Dia de ler jornal, revista... [...] Fatalmente, a política é sempre notícia! Ouvir na TV o Presidente Lula se referindo à sua candidata Dilma: A bichinha ta ficando palanqueira!”
- (24) “Já falaram sobre vários nomes de candidatos a candidatos a vice junto com a Dilminha... [...] O nome da vez, agora, é o do Senador Edison Lobão. Seria a expressão mais verdadeira da fábula: A raposa e o lobão. (leia-se Dilma e Edison!)”
- (25) “A gente sabe que as famílias cadastradas no curral eleitoral, quer dizer, nos programas assistenciais do governo precisam se cadastrar todo ano ou atualizar o cadastro, sob pena de perder os benefícios. [...] O governo do presidente Lula preferiu baixar uma medida provisória para dar às quase seis milhões de pessoas irregulares mais um prazozinho básico que vai até – pasmem! – vai até 31 de Outubro, com a eleição no segundo turno. Que coincidência, né? [...] Pois se o governo ao invés de ensinar a pescar dá o peixe...”

### 3.2 Análise dos enunciados

A crônica, na maioria dos casos, é um texto curto e narrado em primeira pessoa, ou seja, o próprio escritor está "dialogando" com o leitor. Isso faz com que a crônica apresente uma visão totalmente pessoal de um determinado assunto: a visão do cronista. Ao desenvolver seu estilo e ao selecionar as palavras que utiliza em seu texto, o cronista está transmitindo ao leitor a sua visão de mundo. Ele está, na verdade, expondo a sua forma pessoal de compreender os acontecimentos que o cercam.

Geralmente, as crônicas apresentam linguagem simples, espontânea, situada entre a linguagem oral e a literária. Isso contribui também para que o leitor se identifique com o cronista, que acaba se tornando o porta-voz daquele que lê. Pouco importa que o cronista ou a cronista limitem-se a relatar seu encontro no bar ou sua ida ao cabeleireiro. Tanto faz que seja

elitista ou literariamente limitador. A crônica vai registrando, o cronista vai falando sozinho diante de todo mundo.

Nessa parte dos estudos propostos pretende-se verificar se os textos de Eurico Félix podem ser chamados de crônicas, visto pela perspectiva de que para tanto, eles devem responder à questão primeira de que ressalta Marlyse Meyer (1992, p. 112-125), “de onde nasce a crônica”. Ela nasce da variedade; e é pois da variedade que nascem as crônicas de Eurico Félix, pois os blogs representam para a *WEB* um espaço de variedade.

Outra característica da crônica é “a conquista da uma linguagem solta” (MEYER, 1992, p.129), que permeia os textos de felixianos, ao nos deparamos com a linguagem surge uma outra situação, que precisa ser discutida aqui: são os posicionamentos por meio do discurso, que o autor assume em seus textos.

Para tanto foi necessário elencar um *corpus*, que poderia ser analisado.

### 3.2.1 Futebol e o futuro

- (1) “Esse artigo está sendo escrito no sábado, dia 27. Agora são 09:13 (ouvindo Gregory Isaacs). Essa informação é para que ninguém alegue depois que fui impelido a escrever por conta do resultado do jogo entre Santos e Corinthians, na Vila Belmiro, amanhã, domingo, válido pelo Campeonato Paulista.”
- (2) “Mas o que vai acontecer amanhã, é infelizmente, mais uma prova da incompetência e desorganização do futebol brasileiro [...]”
- (3) “Quanto custou para repatriar Ronaldo, Roberto Carlos? Quanto custou para repatriar Robinho?”
- (4) “A molecada do Santos, que está jogando bonito, líder do campeonato, com Wesley, Ganso, Neymar, André, Robinho.”
- (5) “Nem a CBF interferiu! Que diferença faria para a seleção?”
- (6) “Jogaço de bola! Foi uma benção o jogo entre Santos e Palmeiras [...] Foi bom para o Santos perder quando podia perder, não tomou nenhum prejuízo com relação à tabela de classificação, mas foi bom principalmente para tirar uns centímetros do salto, que estava ficando muito alto.”



- (7) “Comemorar, dançar sim! Tirar um barato na cara dos adversários, negativo! E foi bom principalmente para o Neymar, pelo vai tomar no c..., porra! Após ser expulso. Tem muita boca suja falando palavrão e ninguém fala nada... E ele mereceu a expulsão.”
- (8) “Ninguém atira pedra em árvore que não dá fruto! Mas já pensou se a cada pedrada pra derrubar a manga madura a mangueira cismar de cair na cabeça?”
- (9) “Alguns conceitos devem ser refeitos, reformulados. Por exemplo, dizem que santo de casa não faz milagre. Há controvérsia!”
- (10) “Por exemplo: Do alto dos seus “alguns” anos de experiência no rádio, Edson José nos mostra que às vezes ao dividir se obtém a mágica do aumento do seu conceito, ao indicar o nome de Almir Portela para narrar pela Rádio Clube de Recife, uma das mais respeitadas do Nordeste, o jogo entre Ivinhemense e o Náutico, de Pernambuco, pela Copa do Brasil.”

Às vezes usamos nosso sexto sentido para tentar prever os acontecimentos futuros. O cronista, comum a esses fatos, coloca, já se antecipando ao resultado do jogo entre Santos e Corinthians que aconteceria no dia 28 de fevereiro (domingo), conforme no enunciado (1) ao som do cantor jamaicano, consagradíssimo Gregory Isaacs, para que não restasse dúvidas de que sabia o que estava falando. É comum um sujeito dizer, depois do fato consumado, “eu já sabia”, como que, numa premonição, ou antecipação dos acontecimentos. Sendo assim, percebemos que o cronista mostra-se um tanto quanto insatisfeito à demonstração do que poderá ser visto (2), pois argumenta que o futebol brasileiro é um tanto quanto desorganizado e vem demonstrando isso ao longo do percurso, rumo à copa do mundo. Possuímos bons jogadores, de muita qualidade, os mesmos procuram construir uma vida longe de seu país de origem em busca de muitos dólares, euros. E quando a coisa aperta, procuram repatriá-los, para proporcionar um concerto para os times tidos de elite, tanto carioca quanto paulista. Como percebemos no enunciado (3) e (5) quando o autor questiona o valor destinado a trazer Ronaldo, Roberto Carlos, Robinho de volta aos campos brasileiros.

Que o cronista é um santista nato, disso não temos dúvidas, pois, na maioria de suas crônicas futebolísticas, escreve muito sobre a paixão que tem pelo Santos. Quando se trata dos jogadores, Félix os trata como “molecada”, (4) uma referência de meninos, os jogadores de

“seu time”. Molecada, pois ainda são muito jovens e por estarem jogando com toda raça e vigor, coisas que acontecem no auge da juventude. Falar de Neymar, Ganso, realmente é privilégio para um time feito o Santos, que na concepção do autor, faz a junção do time do coração a grandes jogadores, feito essa “molecada”.

Para todo bom torcedor, dizer que foi bom o Santos perder quando podia perder, logo para o Palmeiras? Um tanto interessante, como no enunciado (6), dificilmente admitimos que o time do coração perca. Ah, mas desta vez podia, não seria prejudicado, pois estava no topo da tabela e os meninos (do Santos) estavam muito cheios de si, por uma sequência de vitórias, de muitos gols. O enunciado utilizado pelo sujeito é de que estavam com saltos um tanto quanto altos demais, a auto-confiança estava a florada.

Como é bom, dia de domingo, família reunida nos campos de futebol, apreciar um clássico, aplaudir, chorar, rir. Mas, e quanto a ouvir palavras de baixos calções, como os ditos por Neymar, quando da expulsão por demasiadas reclamações “vai tomar no c..., porra!”, termos corriqueiros utilizados em campos de futebol pelos jogadores.

Nestes discursos, observamos que o sujeito do enunciado trata de uma questão um tanto quanto corriqueira, quando trata da questão “Santo de casa não faz milagres”. (9). Em várias localidades podemos encontrar vários talentos, sejam eles musicais, artísticos, intelectuais, contudo, poucos são reconhecidos ou nunca lembrados. Mas Felix demonstra no enunciado (10) que devemos acreditar nas “pratas da casa”, quando fala do amigo e profissional Edson José o qual divide o espaço com o amigo Almir Portela em uma narração de futebol. Podemos perceber neste discurso que em tudo no decorrer da vida, podemos somar aos sujeitos ao entorno, sem nos atermos à inveja por um companheiro (a) de profissão ou de jornada cotidiana. Trata-se de humanizarmos e reconhecermos no outro sua importância, enquanto profissional e merecedor (a) de méritos e elogios.

### **3.2.2 Discurso Político – Lula e Dilma**

- (11) “Muito bem! Agora quero ver se o Superior Tribunal de Justiça, se a Justiça Eleitoral ou seja quem for, vai dar uma de Lula e dizer que não sabe e não viu que o Presidente Lula e a Ministra Salve Rainha Dilminha Ruimsseff fizeram e estão fazendo campanha eleitoral fora do prazo.”
- (12) “Luiz Inácio, esse boçal que se orgulha de ser analfabeto, que assume que não gosta de ler e cinema (dá sono, justifica), tem a desfaçatez de, ao ser questionado sobre as inúmeras viagens, responder: Eu vou continuar viajando até 31 de Dezembro, à meia-noite (que é quando termina o seu mandato).”
- (13) “[...] Pense bem na possibilidade da Salve Rainha Dilma Ruimself presidente. Ela ditadora da gema, odeia enlatados, ou seja, filmes estrangeiros.”
- (14) “O filho do Brasil, analfabeto que se orgulha de sê-lo se tornou presidente eleito mais popular, ou seja, nunca na história desse país...”
- (15) “[...] e que quer eleger a mulher que não ri Presidente!”
- (16) “E a Dilminha vai ser mais casco duro ainda!”
- (17) “Chega de corrupção, propina, escândalos, prejuízo à Nação!”
- (18) “O que a pré-candidata Dilma Rousseff, do PT quer dizer que fará um governo mais de esquerda que Lula?”
- (19) “A danada da barraqueira não dá uma risadinha, um sorriso amarelo, sequer! To fora! De generala basta a mulher que manda em mim, a minha amante favorita! Dilma Rousseff é da ala dos petistas xiitas, vermelhos!”
- (20) “Dilma frequentou escolas conceituadas. Claro que com notas vermelhas e suspensões, mas uma coisa não se pode negar: Dilma Rousseff, consegue superar o padrinho Lula quanto à facilidade de assassinar artigos, consoantes, verbos, adjetivos, isso sem contar as vírgulas e exclamações do nosso heróico português.”
- (21) “Lula é sem dúvida, o político mais popular da história do Brasil, quando se trata de eleição popular. É um homem muito mais inteligente do que muita gente pensa!”
- (22) “O meu lado feminino sonha com uma mulher na Presidência. Dona Ruth Cardoso, Dona Zilda Arns... Essas duas já foram convocadas pelo Homem, lá em cima. Uma senadora Marina Silva, quem sabe!”
- (23) “Domingo. Dia de descansar. De reflexão. Se possível, ir a um almoço beneficente... Dia de ler jornal, revista... [...] Fatalmente, a política é sempre notícia!

Ouvir na TV o Presidente Lula se referindo à sua candidata Dilma: A bichinha ta ficano palanqueira!”

- (24) “Já falaram sobre vários nomes de candidatos a candidatos a vice junto com a Dilminha... [...] O nome da vez, agora, é o do Senador Edison Lobão. Seria a expressão mais verdadeira da fábula: A raposa e o lobão. (leia-se Dilma e Edison!)”
- (25) “A gente sabe que as famílias cadastradas no curral eleitoral, quer dizer, nos programas assistenciais do governo precisam se cadastrar todo ano ou atualizar o cadastro, sob pena de perder os benefícios. [...] O governo do presidente Lula preferiu baixar uma medida provisória para dar às quase seis milhões de pessoas irregulares mais um prazozinho básico que vai até – pasmem! – vai até 31 de Outubro, com a eleição no segundo turno. Que coincidência, né? [...] Pois se o governo ao invés de ensinar a pescar dá o peixe...”

Os enunciados acima dizem respeito a como o cronista Eurico Felix aborda as questões da política nacional de uma visão periférica. No enunciado (21) ele diz que o Lula poderia ser um bom presidente, contudo a sua forma de agir lembra muito um sujeito reacionário. O enunciado (14) discute como um presidente vindo de camadas populares pode ser um bom presidente. Nesse enunciado, o cronista utiliza da crônica, um gênero sendo visto como fruto, nascido no jornal, para expressar uma vertente da sociedade, que é mais abastada e formada por latifundiários de Mato grosso do Sul. Até que ponto esse discurso pode ser lido como representativo, não do ponto de vista de um sujeito autônomo, mas de um sujeito influenciado pela mídia televisiva, que critica o governo do presidente?

Que Lula conseguiu fazer-se um Presidente popular, um grande mérito conquistado, isso é fato, mas com toda simpatia demonstrada em palanques, em visitas pelo mundo (12), precisa tornar a sua companheira Dilma Ruimsseff uma extraordinária e brava palanqueira, disse, “palanqueira” (23), pois, para o sujeito, o bom mesmo é ser bom no palanque, no ponto mais alto das campanhas eleitorais.

No enunciado, o sujeito a trata como Ruimsseff, seria uma questão de maldade, vindo do termo ruim, ou mera coincidência? No texto, dentro de um contexto, a enunciação pode apenas estar representando uma visão do autor enquanto expectador, assim como o mesmo a vê.

Que Dilma Rousseff sempre foi os braços, as pernas, o corpo e a alma do presidente Lula, isso não é segredo pra ninguém, porém, o sujeito sendo um extremista de direita, questiona a candidatura imposta por Lula em transformar a ministra chefe da casa civil em sua sucessora (13). Um sujeito que pela visão de Felix, deixaria muito a desejar, da tirania dos tempos da ditadura, aos tempos da democracia. Teria na concepção do sujeito, até gostaria de ver uma mulher ocupar o topo mais alto da política nacional (22), porém duas das quais ele mais gostaria, já se foram do mundo terreno. Seria isso? E Marina Silva, ah esta ainda continua entre nós questionando o atual governo, quem sabe se aliando aos extremistas de direita também.

O sujeito do discurso demonstra sua indignação quanto à campanha eleitoral fora de época e com o apoio do Presidente da República, repudia as atitudes do Presidente, quem sabe por diversos de seus “homens” de confiança estarem envolvidos em muitas confusões, onde o dinheiro é o maior vilão. Lula diz em alguns discursos seus, quanto a alguns ministros, citados em mensalões e propinas, que de nada sabia e que nada havia visto. Sendo assim, o sujeito deste discurso (11), relembra tais fatos, fazendo um breve comparativo entre a campanha fora do prazo estipulado pela Justiça Eleitoral, com os políticos que corrompem habitantes desse país. (17) Estamos cercados de corruptos por toda parte, percebemos nos discursos em todos os tipos de mídia. Para Felix a decepção é tamanha, mas não pára por aí não! Eleger uma presidente que vive de “cara amarrada”, (15) o sujeito constitui a isso como forma de não se aproximarem a ela, como os ditadores da antiguidade, ordens são para serem cumpridas e obedecidas, faz parte do contexto histórico.

No texto o sujeito enuncia um discurso, de um outro sujeito, dotado de requintes, por haver estudado em boas escolas (20), e “assassinar artigos, consoantes, verbos, adjetivos”, o que a norma culta da língua portuguesa nos confere ao falarmos em público e ocuparmos o posto máximo da política mundial. Como toda boa cultura lingüística, assim como confere o cronista, leitura, bons livros, cinema, trata-se de questões culturais (12) e o nosso presidente fica sonolento ao ver um bom filme ou uma boa leitura, como o próprio autor afirma, um Presidente analfabeto, culturalmente.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Não é fácil empenhar uma jornada por mares nunca antes navegados. E há certos mares, que são de difícil acesso. Há estudos que se assemelham com os mares. Assim são os que fizemos. Analisar discursos permeia ler o que o outro fala. Ler o que o sujeito é capaz de produzir para assim produzir sentido. Sentido este, que muitas vezes vão contra aquilo que idealizamos das pessoas. Quando trabalhamos com literatura, vemos o autor de um livro, que lemos como alguém que fala ao nosso coração. Nos apaixonamos por poetas e prosadores

No momento em que deixamos o universo da supra realidade e caímos nos textos do dia a dia, no texto do homem miúdo, na crônica, percebemos que toda a arte da literatura, é apenas uma face do sujeito. Uma face do produtor de sentido, daquele que cria por meio do discurso algo a ser lido e comprado como mercadoria. A crônica, por sua vez, quando ela não é produzida com intuito mercadológico, ela traz a tona a opinião do cronista, ou seja um discurso, que pode ser lido. E para lê-lo é necessária a divisão desse discurso, o esfacelamento do mesmo em enunciados, que são portadores de sentido. Se forem divididos os enunciados em mais e mais partes chegará um momento em que teremos a unidade mínima do discurso. Só que esse processo é um tanto complexo, visto que não se pode perder o sentido do enunciado. Haveria sim uma possibilidade, a da delimitação de supostas posições do sujeito ao longo de uma sequência de enunciados. Mesmo assim os enunciados nem sempre chegariam a dizer toda a posição ideológica do sujeito.

Pudemos perceber isso, quando separamos os dois eixos das crônicas: um que trata do futebol e o outro da política, mais propriamente dos momentos que antecedem a campanha de Dilma Rousseff. Os dois discursos, embora diferentes demonstram um sujeito, que tende a querer antecipar os fatos. Apostar sempre contra o azar, que para ele de uma posição de direita, significa, que os outros sempre são da oposição. Seja o técnico, o jogador, o presidente e a candidata.

Há também a ideologia de tentar se justificar a sua posição, o seu discurso e sua forma de ver a sociedade, que o rodeia. São posições ideológicas, que permeiam os discursos. Depois das entrevistas e depoimentos, cremos que a crônica seria um gênero capaz de conter

discursos interessantes de serem analisados. A crônica, quando passa do campo do jornalismo para o da literatura, ganha roupagem de arte. Não é esse tipo de crônica, que se pretende colocar em destaque, mas aquela que se desloca do jornalismo e da literatura, aquela escrita por sujeitos, que não mascaram a sua forma de pensar, mas que tentam convencer o leitor, advogam uma determinada causa.

A crônica, seja ela desde a do Descobrimento do Brasil até a dos blogs, têm o caráter de compor uma sequência de discursos, que só adquirem sentido a medida em são escritas na intenção de convencer o leitor. Sabe-se que ao separar os enunciados, chega-se a observar de uma forma mais centralizada a essência do discurso. O que se fez, nesse trabalho, foi tentar demonstrar como a crônica, enquanto gênero em evolução, pode ser portadora de um espaço para a leitura de diferentes discursos a partir do estudo dos enunciados.

Podemos e queremos dizer, que a nossa pretensão foi explorar uma vertente de análise das crônicas pelo viés da AD.

## REFERÊNCIAS

- CANDIDO, A. et al *A crônica: o gênero, sua fixação e suas transformações no Brasil*. Campinas: Editora da UNICAMP, 1992.
- CHARAUDEAU, P.; MAINGUENEAU, D. *Dicionário de Análise do Discurso*. 2.ed 3.reimp. Trad Fabiana Komesu. São Paulo: Contexto, 2008.
- FÉLIX, E. Crônicas. Disponível em <http://www.blogdoeurico.com.br/> Acesso em 12/ago,/2010.
- FOUCAULT, Mi. *O que é o autor*. Trad. Antonio Fernando Cascais (et alli). 5.ed São Paulo: Passagens, 2001
- FOUCAULT, M. *A arqueologia do saber*. Trad. Luiz Felipe Baeta Neves. 6.ed. Rio de Janeiro: Forense, 2002.
- MAINGUENEAU, D. *Nova Tendências em análise do discurso*. 3.ed. Trad. Freda Indursky. Campinas: Pontes, 1997.
- MANGUEL, A. *Uma História Da Leitura*. 2.Ed. São Paulo: Companhia Da Letras, 1997.
- MEYER, M. *Folhetim: uma história*. 1.ed. São Paulo: companhia da Letras, 1996.
- ORLANDI, E. P. *Terra à Vista: Discurso do Confronto: Velho e Novo Mundo*. São Paulo: Cortez, 1990.
- ORLANDI, E.P. *Análise de Discurso: Princípios e Procedimentos*. Campinas-SP: Pontes, 1999.
- ORLANDI, E. P. *Discurso e Texto: Formação e Circulação dos Sentidos*. Campinas: Pontes, 2001.
- POSSENTI, S. *Os Limites do Discurso: Ensaio Sobre Discurso e Sujeito*. Curitiba: Edições Criar, 2002.



PÊCHEUX, M. *Semântica e discurso*. Campinas: Ed. da Unicamp, 1997

POSSENTI, S. Observações sobre Interdiscurso. *Revista Letras*, Curitiba, n. 61, especial, p. 253-269, 2003.

RODRIGUES, M. L. O lugar do sujeito MST na modernidade. **Revista Ave Palavra**. n.5, p. 94 -137, ago/2004.

## ANEXO A – FUTEBOL<sup>2</sup>

### **1 - Burrice dói (27/02/2010)**

Esse artigo está sendo escrito no sábado, dia 27. Agora são 09:13 (ouvindo Gregory Isaacs). Essa informação é para que ninguém alegue depois que fui impelido a escrever por conta do resultado do jogo entre Santos e Corinthians, na Vila Belmiro, amanhã, domingo, válido pelo Campeonato Paulista. Mas o que vai acontecer amanhã é, infelizmente, mais uma prova da incompetência e desorganização do futebol brasileiro que continua sendo o melhor do mundo apenas dentro das quatro linhas.

Quanto custou para repatriar Ronaldo, Roberto Carlos? Quanto custou para repatriar Robinho? Somemos alguns detalhes: O momento que vive o Corinthians, ano do centenário, participando da Libertadores, uma legião de renomados jogadores. A molecada do Santos, que está jogando bonito, líder do Campeonato, com Wesley, Ganso, Neymar, André, Robinho... Aliás, Robinho fica apenas mais um pouquinho no time e depois volta para o City. Aí, a sensibilidade cavalariço do técnico Dunga, da Seleção, o convoca para um amistoso chuégua, justo Robinho, que tem cadeira cativa, é titular dele, é, como eles próprios chamam, homem de confiança.

Nem a CBF interferiu! Que diferença faria para a seleção? Para o clássico, seria mais um atrativo, uma vez que Robinho, jogando pelo Santos, nunca perdeu para o Corinthians. E não vai aqui nada de arrogância de torcedor. Já pensou no apelo? Ronaldo X Robinho! Quem vai levar a melhor? Mas, não! Quem manda é o treinador, que tem apelido de anão e o cérebro tão pequeno também!

Mais um: Por que esse jogo na Vila Belmiro? Tudo bem, o Estádio ficou uma tetéia, após as reformas, comporta 25 mil torcedores. No Morumbi caberia três vezes mais! Ah, mas o Corinthians ta de ovo virado com a diretoria do São Paulo! Ou então, por que não no Pacaembu? Mas, não! Os cabeçudos da diretoria do Santos mais que dobrou o preço dos

---

<sup>2</sup> <http://www.blogdoeurico.com.br/2010/02/default.aspx>

ingressos! Burrice dói! Ah, se o Santos perder, nem vem que não tem, com comentariozinhos maldosos! São 09:22.

## **2 - Jogaço (16/03/2010)**

Jogaço de bola! Foi uma benção o jogo entre Santos e Palmeiras, no domingo passado, 14 de Março. Primeiro, para os torcedores, que viram um senhor jogo de futebol. Depois, para o Palmeiras, que precisava de uma vitória daquelas, pois o time não é ruim, ao contrário, mas as coisas não vinham acontecendo. Portanto, ganhar do Santos, na Vila, e da forma como ganhou, foi essencial para uma retomada de rumos. Foi bom para o Santos perder quando podia perder, não tomou nenhum prejuízo com relação à tabela de classificação, mas foi bom principalmente para tirar uns centímetros do salto, que estava ficando muito alto. E foi boa também a atitude do Neymar que tratou de levantar o Madson que começou a comemorar como o Viola fazia, imitando um porco. Comemorar, danças, sim! Tirar um barato na cara dos adversários, negativo! E foi bom principalmente para o Neymar, pelo Vá tomar no c..., porra!, após ser expulso. Tem muito boca suja falando palavrão e ninguém fala nada... E ele mereceu a expulsão. Desculpas à parte, Neymar aprendeu no domingo que craque é craque, vai levar porrada o tempo todo! Se der uma mais forte, está revidando, segundo a arbitragem, e vai levar cartão. Ninguém atira pedra em árvore que não dá fruto! Mas já pensou se a cada pedrada pra derrubar a manga madura a mangueira cismar de cair na cabeça? E foi muito bonito o gol de Roberto Carlos. Mas pode esquecer essa lenga-lenga de Roberto Carlos, Ronaldo gordinho na Copa bafana,bafana. Dunga, ah...não, não vai levá-los. E não tem lobby do Neto que vá dar certo. O tal gaúcho já tem a sua turma, e estamos conversados!

## **ANEXO B – LULA E DILMA**

### **1- Salve Rainha (20/02/2010)**

Muito bem! Agora quero ver se o Superior Tribunal de Justiça, se a Justiça Eleitoral ou seja quem for, vai dar uma de Lula e dizer que não sabe e não viu que o Presidente Lula e a Ministra Salve Rainha Dilminha Ruimsseff fizeram e estão fazendo campanha eleitoral fora do prazo. O PT aceitou (e não aceitasse não, pra ver!) oficialmente, a candidatura imposta por Lula. E nós, os grandes culpados por essa gentalha, gentalha, gentalha... no poder, não

conseguimos enxergar o que estamos sistematicamente fazendo de ruim para o país, quando elegemos esse tipo de gente. Luiz Inácio, esse boçal que se orgulha de ser analfabeto, que assume que não gosta de ler e cinema (dá sono, justifica), tem a desfaçatez de, ao ser questionado sobre as inúmeras viagens, responder: Eu vou continuar viajando até 31 de Dezembro, à meia-noite (que é quando termina o seu mandato). Até lá, a festa é minha! Ou seja (parafrazeando o próprio): Para Lula, ser Presidente é o seu grande brinquedinho. É sua “festa”. Preste atenção! Pense bem na possibilidade da Salve Rainha Dilma Ruimssef presidente. Ela, ditadora da gema, odeia enlatados, ou seja, filmes estrangeiros. Você rala feito um jegue de olaria, arruma grana e compra uma TV por assinatura (se bem que tem muita gente colocando SkyCat, do Paraguai) e sabe o que a Salve Rainha vai fazer, assim que entrar (Deus queira que nunca)? Proibir Sky, Net isso, Net aquilo. Só programação nacional, ou seja (olha a paráfrase de novo), só o que o Governo permitir. E eu quero lá isso, aqui? Quero, não!

## **2 – Santo, Santo, Santo (14/02/2010)**

O Presidente Luiz Inácio Lula da Silva está meio bicudo, nesses últimos dias. Chateado, mesmo! Se alguém perguntasse se ele é narcisista, ele ficaria quieto, mesmo porque não saberia do que se trata. Mas que ele é, ah isso, sim! Mas o fato de ele estar chateado, meio sem graça, não tem nada a ver com o fato do seu Timão estar meia boca, não é pelos frangos do Felipe. É que o Bentão (para os íntimos), ou seja, o Papa Bento XVI vai proclamar seis novos santos, no próximo dia 19. Tem uma espanhola, um polonês, uma australiana, e italianas. E nem de longe, seu nome foi lembrado. Nem que fosse para um simples processo de análise para canonização! Como tem gente que se esquece dos outros tão facilmente! O filho do Brasil, analfabeto que se orgulha de sê-lo, que se tornou o presidente eleito mais popular, ou seja, nunca na história desse país... íche, cá estou eu imitando o homem de novo... e que quer eleger a mulher que não ri Presidente! Estou até vendo no horário eleitoral gratuito (que custa os olhos da cara... da gente!): Nunca, na história desse país um governante foi preso! Veja o que é governar com seriedade! E a Dilminha vai ser mais casco duro ainda! Chega de companheiros... quer dizer, chega de políticos se locupletando... não, acho que ele não conseguiria pronunciar essa palavra (quanto mais saber o que significa). Chega de corrupção, propina, escândalos, prejuízo à Nação! E o tal de Arruda teve que ser u bode expiatório da vez! Dançou! Mas não se avexe não, companheiro Arruda! Tenha paciência,

vice? Quando a companheira Dilma ganhar, ela arruma uma boquinha pra você lá na Granja do Torto!

### **3 - Santo de casa faz milagres, sim! (22/02/2010)**

Alguns conceitos devem ser refeitos, reformulados. Por exemplo, dizem que santo de casa não faz milagre. Há controvérsia! Aquele outro ditado que diz: Cada um por si, Deus por todos!, também não é uma constante. Para quem tem fé, boa vontade no coração, isso se tira de letra. Por exemplo: Do alto dos seus “alguns” anos de experiência no rádio, Edson José nos mostra que às vezes ao dividir se obtém a mágica do aumento do seu conceito, ao indicar o nome de Almir Portela para narrar pela Rádio Clube do Recife, uma das mais respeitadas do Nordeste, o jogo entre o Ivinhemense e o Náutico, de Pernambuco, pela Copa do Brasil.

A Rádio Clube faz parte de um pool de seis emissoras cuja audiência é comprovada. E Almir Portela. Longe de despertar inveja. Angariou admiração de um colega de profissão, o fera Edson José. Na quarta-feira, o “canhão do rádio” Almir Portela, ou o Pequeno Notável, como queira, terá mais uma experiência ao narrar jogo de futebol (não pela primeira ou segunda vez), para outra legião de ouvintes.

O brasileiro carece, infelizmente, de bons exemplos e essa é uma oportunidade de se seguir bons exemplos. Do alto da sua satisfação que seu trabalho é reconhecido, Almir Portela despiu-se de qualquer sensação de estar no altar da fama, não vacilando em convidar Célio Ferreira a ser seu companheiro nas reportagens.

Depois, quando eu digo nas rodas de amigos que é sempre muito bom ter bons amigos, gestos como esses me fazem sentir que estou coberto de razão. Se o jogo de quarta vai ter vitória do Ivinhemense (vamos torcer por isso), aí são outros quinhentos! Mas, como sou amigo dos dois, do Portelinho e do Celinho, já estou com a agradável sensação de vitória! Pois o reconhecimento, eu sei, é uma vitória! E me dou o direito de ficar feliz com a felicidade dos amigos!

### **3 - Manhã de domingo (07-02-2010)**

Domingo. Dia de descansar. De reflexão. Se possível, ir a um almoço beneficente... Dia de ler jornal, revista... Aí começa aquela agonia de sempre. Fatalmente, a política é sempre notícia!

Ouvir na TV o Presidente Lula se referindo à sua candidata Dilma: A bichinha ta ficando (exatamente como ele falou) palanqueira! A propósito, pelo que li sobre a Dilminha, ela pode sim ter se transformado numa palanqueira. Mas, barraqueira ela já desde os tempos em que articulava assaltos à mão armada, na sua juventude! Ao contrário de Lula, que nasceu analfabeto e sem dentes (observação feita pelo próprio), Dilma frequentou escolas conceituadas. Claro que com notas vermelhas e suspensões, mas uma coisa não se pode negar: Dilma Rousseff consegue superar o padrinho Lula quanto à facilidade de assassinar artigos, consoantes, verbos, adjetivos, isso sem contar as vírgulas e exclamações do nosso heróico português. Imitadora de japonês de piada, Dilminha consegue ter o pavio mais curto ainda! Rancorosa, vingativa, parece até que estou ouvindo suas primeiras palavras, caso nos seja por Deus imposto o desastre da sua eleição: Vocês vão ter que me engulir! E com a expressão mais feroz que a de Zagallo, se é que as cirurgias plásticas vão permitir! Lula é, sem dúvida, o político mais popular da história do Brasil, quando se trata de eleição popular. É um homem muito mais inteligente do que muita gente pensa! Mas tudo o que é demais sobra! E tudo o que sobra, não faz falta! Ainda que tenha sido o filme mais caro, Lula, o filho do Brasil empacou, virou um desastre de bilheteria. Quando “eles” imaginaram que em plena campanha eleitoral e eleição, estaria superlotando os cinemas, desbancando os Spielberg e os Avatar das telas, a impressão que fica é que nem sobrevive à Quaresma! Segundo analistas políticos, é sintomático. O meu lado feminino sonha com uma mulher na Presidência. Dona Ruth Cardoso, Dona Zilda Arns... Essas duas já foram convocadas pelo Homem, lá em cima. Uma Senadora Marina Silva, quem sabe! Mas Dilma Rousseff? Não me tolham os sonhos...